

Dinâmica do espaço agrário no Vale do Jequitinhonha mineiro: combinações e conflitos

Agrarian space dynamic in the Vale do Jequitinhonha mineiro: combinations and conflicts

Édipo Alves Lacerda * 

Anderson Bertholi * 

Cibele Pinheiro Maciel Bertholi * 

Resumo

O seguido texto é resultado do debate vivenciado na disciplina “Dinâmica do Espaço Agrário: combinações e conflitos”, ministrada no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). A ideia de inserir a perspectiva do desenvolvimento desigual e combinado no programa encontrou guarida nas problematizações dos mestrandos e doutorandos. Assim, o objetivo desse artigo é desvelar o desigual e combinado enquanto categoria de análise do Vale do Jequitinhonha, a partir de reflexões sobre os sujeitos que compõem esse *continuum* de relações sociedade e espaço que é ao mesmo tempo peculiaridade e reflexo de múltiplas determinações. O referido texto é fruto de uma caminhada que incluiu uma revisão bibliográfica apurada e trabalhos de campo com entrevistas semi-estruturadas em comunidades tradicionais afetadas pelos megaprojetos de mineração no Vale do Jequitinhonha mineiro. Um engendramento sutil e conflituoso que exprime com potência a dinâmica desse conjunto regional forjado de um contexto de “seca” para atender ao movimento das verticalidades – grandes projetos de desenvolvimento - que se impõem como determinação, se combinam para cooptar e criam paradoxalmente resistências e ressignificações dos “de baixo” a partir das horizontalidades – reprodução social camponesa-artesã. Cabe destacar ainda que, como aporte geográfico da análise trouxemos a perspectiva da formação sócio-espacial de Santos (2017 [1977]) cujo entendimento desses mesmos processos pode ser atrelado às imbricações entre as formações sociais e os modos de produção, como um movimento dinâmico e contraditório na transformação dos espaços desse Vale do Jequitinhonha mineiro.

Palavras-chave: método da Geografia; desigual e combinado; formação sócio-espacial; Vale do Jequitinhonha mineiro.

* Universidade Estadual de Montes Claros. Departamento de Geociências. Montes Claros, MG, Brasil.
E-mails: edipo.lacerda@edu.unimontes.br; anderson.bertholi@unimontes.br; cibelebertholi@gmail.com

Abstract

The following text is the result of the debate experienced in the discipline “*Dinâmica do espaço Agrário: combinações e conflitos*” (Agrarian space dynamic: combinations and conflicts), ministered in the post graduation program in geography at the State University of Montes Claros, Brazil. The idea of inserting a perspective of uneven and combined development in the program found support in the problematizations of the masters and doctoral students. Thereby, the objective of this article is to unveil the uneven and combined as a category of analysis of the Vale do Jequitinhonha (Jequitinhonha valley), through the reflections about the subjects that compound the continuum of society and space relations which is at the same time a peculiarity and reflection of multiple determinations. The aforementioned text is the result of a journey that included a thorough literature review and fieldwork involving semi-structured interviews in traditional communities affected by large-scale mining projects in the Jequitinhonha Valley in the state of Minas Gerais. A subtle and conflicted engendering that expresses with potency the dynamic of this regional group forged by a context of “drought” to attend to the movement of verticalities – big development projects – that is imposed as determination, combined to co-opt and paradoxically create resistance and resignifications of the “below” through horizontalities – social reproduction rural artisan. It’s worth highlighting that, as an geographic contribution to the analysis we brought the perspective of the socio spatial formation of Santos (2017 [1977]) which the understanding of these same processes can be attributed to the interconnections between the social formations and the production modes, as a dynamic and contradictory movement in the transformation of the Vale do Jequitinhonha mineiro (Jequitinhonha Valley mineiro).

Keywords: geographic method; uneven and combined; socio spatial formation; Jequitinhonha Valley mineiro.

Introdução

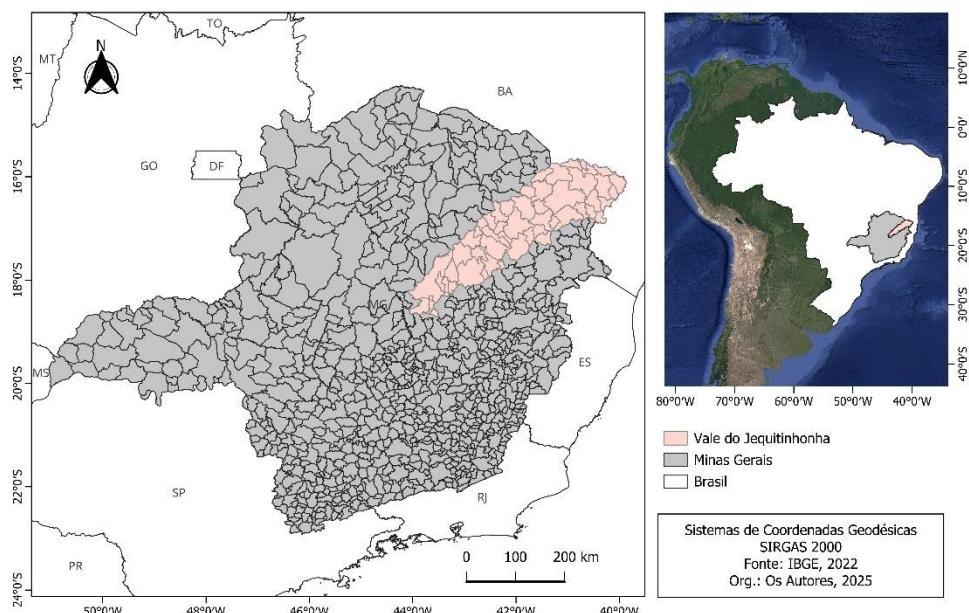
O texto a seguir é um exercício de método a partir do desdobramento da teoria do Desigual de Combinado de Trotsky (Novack, 1988) em suas possíveis amalgamas com a perspectivas da Formação sócio-espacial de Santos (2017 [1977]).

A variedade dos temas-problemas colocados à mesa da Geografia são um combustível potente para impulsionar as discussões propostas, trazendo neste caso a realidade do Vale do Jequitinhonha mineiro (Mapa 1) para o centro do exercício.

Cabe destacar que, ainda vivenciamos dificuldades quando se trata de coligir a diversidade teórico-metodológica com os problemas reais na busca por essa prática geográfica. Todo o arcabouço epistemológico da ciência se apresenta ao mesmo tempo

como potência e desafio, uma vez que diferentes olhares e interpretações podem ao mesmo tempo contribuir para uma ordem de pensamento como também dissolver uma necessária coerência científica.

Mapa 1- Localização do Vale do Jequitinhonha - MG



Org.: os autores, 2025

Trata-se de fato de um caminho bastante desafiador enquanto esforço da práxis geográfica, a partir do arcabouço teórico do “desigual e combinado” e da “formação sócio-espacial”. Não obstante, também representou e representa um esforço sincero em contribuir para o desvelamento das dinâmicas espaciais de Minas Gerais, especialmente aquelas que marcaram e marcam esse conjunto chamado Vale do Jequitinhonha.

Nesse sentido o objetivo desse texto é desvelar a espaciologia do Norte de Minas e do Vale do Jequitinhonha à luz da sua formação sócio-espacial, enquanto um processo de combinações e conflitos orientados por diferentes sujeitos, de fora que são verticalidades de dentro (e de baixo) que são horizontalidades.

Essas verticalidades podem ser percebidas através da imposição de um modelo de desenvolvimento ancorado na exploração mineral (histórica) enquanto as horizontalidades podem ser entendidas a partir da reprodução social das comunidades tradicionais-campesinas em suas mais variadas estratégias de convivência com o

semiárido mineiro.

Cabe destacar ainda que, foram feitas entrevistas semi-estruturadas nas comunidades do Macuco¹ e Bem Posta, no Alto Vale do Jequitinhonha mineiro, oportunidade ímpar de desvelar as estratégias de reprodução social das famílias em suas práticas tradicionais cujo conhecimento ancestral quilombola orienta os saberes e fazeres locais. A fim de não identificação dos entrevistados foram utilizados nomes fictícios no texto.

Da invenção do Vale do Jequitinhonha à formação do Vale do Jequitinhonha

A colonização do Jequitinhonha em Minas Gerais sempre esteve associada às “minas” das Minas Gerais, através da descoberta de diamantes nas cabeceiras dos rios, intensamente exploradas pela coroa portuguesa desde o século XVIII. A mineração dirigiu o povoamento, marcou a história da região e deixou como legado a exploração.

Não obstante, a crise da mineração de pedras preciosas do século XIX fez da agricultura a principal ocupação dos que resistiram em seus territórios, a partir da migração para as áreas férteis próximas à água, as chamadas “grotas”, e como complemento deu-se a utilização das serras ou as “chapadas”, comumente utilizadas para colher frutas silvestres e criar gado uma vez que não eram adequados para cultivos tradicionais (Graziano; Graziano Neto, 1983).

Há registros da ocupação das terras do Jequitinhonha por fazendeiros desde o século XVIII, época caracterizada pelo garimpo de ouro e diamantes, isso sem desconsiderar a existência dos povos indígenas no território². Os registros dão conta de que a atividade mineradora se concentrava em grande parte do Alto Jequitinhonha, onde localiza-se o município de Minas Novas, o crescimento demográfico deu origem a diversas atividades secundárias, como a produção de alimentos e artesanato.

¹ As comunidades quilombolas do Macuco (também chamada Gravatá-Quebrabateia) e de Bem Posta localizam-se no município de Minas Novas, no Alto Jequitinhonha mineiro. Macuco existe desde o século XIX e fica a cerca de 15 km da sede municipal. Bem Posta, a aproximadamente 36 km da sede, tem origem estimada há cerca de 300 anos. Segundo relatos, foi um dos primeiros paradouros dos Bandeirantes rumo às minas do sertão das Gerais. Ver mais em www.cedefes.org.br (Acesso em: maio 2025).

² Segundo o Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva - CEDEFES (1987, p. 17) apud Jesus (2007, p. 9), antes da chegada dos “homens brancos”, o Vale do Jequitinhonha era habitado por diversos grupos indígenas, majoritariamente do tronco macro-jê, como botocudos e maxacalis, com várias subdivisões. Além disso, grupos tupi-guarani, como os tupiniquins, provavelmente fizeram incursões ao longo dos grandes rios, partindo de seus territórios.

Conforme Ribeiro (2013), no século XIX, o declínio da mineração estimulou a mobilidade espacial da população em direção ao leste, para o Baixo Jequitinhonha, em busca de novas áreas de plantio. Tal migração também buscava possibilidades de extração de pedras preciosas e captura e escravização de índios o que durou até meados do século XX, terminando com o desmatamento da Mata Atlântica.

A colonização do médio e baixo Jequitinhonha teve início, como dito, no século XIX, quando grupos de fazendeiros emigraram do distrito de Diamantino em busca de "novas" terras com matas, índios e minérios. No final daquele século, ondas de migrantes chegaram do sudoeste da Bahia, estabelecendo uma das mais produtivas fazendas de corte do Brasil até meados do século XX.

Ao longo da história, as migrações, a abertura das fronteiras agrícolas e a criação de animais de fazenda resultaram em uma sociedade agrária marcada pelo complexo latifúndio-minifúndio - pequenos negócios de agricultores familiares e grandes fazendas de criação - que ainda caracteriza essas áreas mesmo no século XXI. A fazenda baseava seu comando na apropriação dos recursos naturais e no controle do poder urbano.

A agricultura camponesa, genericamente tratada como agricultura familiar, sempre esteve presente majoritariamente nos espaços rurais do Vale do Jequitinhonha, sempre atrelada às condições de acesso e uso dos recursos hídricos. Por causa dessa distribuição desigual de recursos naturais, renda e poder, base primária da economia regional e dos indicadores sociais, desde a década de 1970 o Vale do Jequitinhonha é associado, pelo senso comum, aos programas públicos de migração, subdesenvolvimento e seca, segundo a Fundação João Pinheiro (2018).

O que não se pode negar, por sua vez, é a importância dessa atividade ainda hoje em toda a região, como atividade de resistência e consolidação das identidades locais.

Conforme pode-se inferir nos dados da Tabela 1, o impacto da organização familiar na reprodução social dos territórios é uma marca que traduz as estratégias de convivência com o espaço peculiar do Vale do Jequinhonha mineiro, influenciado de maneira marcante pela sensibilidade do ambiente semiárido.

A Tabela 1 ilustra a força das atividades comandadas pelas famílias camponesas, num percentual de mais de 75% a mais que aquelas classificadas como não-familiar, conforme dados de 2017, além de um acréscimo de mais de 5% no número de estabelecimentos no período entre os censos de 2006 e 2017.

Tabela 1 - Agricultura Familiar e não-familiar nos territórios do Vale do Jequitinhonha – 2006 e 2017

Territórios e Microrregiões	Número total de estabelecimentos		Estabelecimentos da agricultura familiar		Estabelecimentos da agricultura não familiar	
	2006	2017	2006	2017	2006	2017
Alto Jequitinhonha	23.086	29.872	18.822	22.177	3.629	7.452
Baixo Jequitinhonha	25.867	21.888	22.195	16.697	3.672	5.191
Diamantina	3.800	3.678	3.356	2.553	444	1.125
Capelinha	16.922	18.686	14.889	13.529	2.033	5.157
Araçuai	14.052	12.878	12.412	10.621	1.640	2.257
Pedra Azul	4.249	5.199	3.504	4.003	745	1.196
Almenara	9.930	11.319	7.445	8.341	2.485	2.978

Fonte: IBGE, 2006; 2017.

Não obstantes, a Tabela 2 traz pistas acerca de um movimento no perfil da produção local, também atrelado às determinações ambientais do semiárido mineiro e que demonstra um padrão não-estável das atividades desenvolvidas, podendo-se inferir neste caso que os sujeitos ali envolvidos conduzem os processos produtivos de maneira dinâmica, refletindo diferentes estratégias de convívio e reprodução social das famílias.

Tabela 2 -Atividades Produtivas no Vale do Jequitinhonha – 2006 e 2017

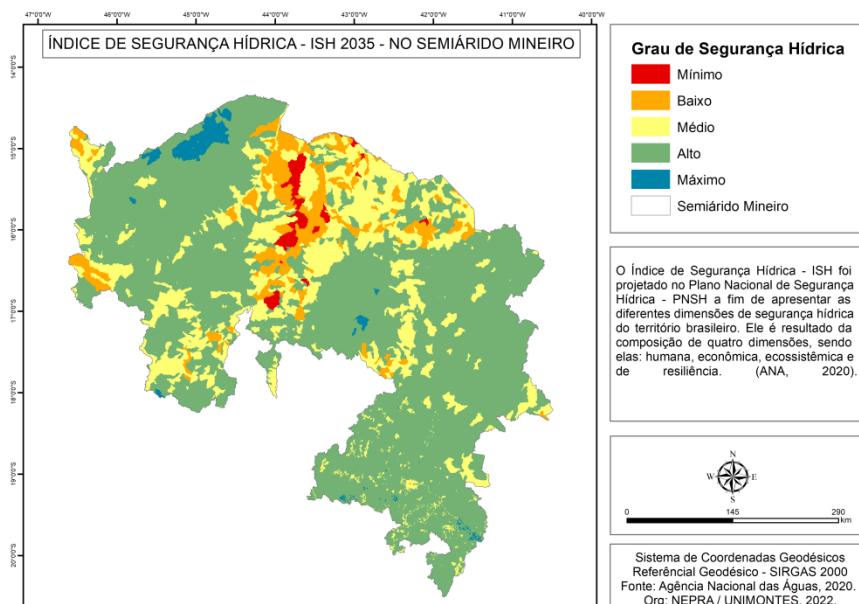
Territórios e Microrregiões	Produção Vegetal		Produção Animal		Produção da Agroindústria		Outras Atividades	
	2006	2017	2006	2017	2006	2017	2006	2017
Alto Jequitinhonha	54,4	29,5	31,0	46,9	12,6	21,5	1,9	2,2
Baixo Jequitinhonha	45,9	8,7	34,7	73,4	18,1	14,0	1,3	3,9
Diamantina	24,6	37,0	65,1	37,4	7,7	21,8	2,5	3,6
Capelinha	59,4	38,2	26,1	40,9	13,0	19,8	1,4	1,1
Araçuai	36,7	13,1	31,2	61,4	29,3	22,6	2,8	2,9
Pedra Azul	46,6	13,1	37,6	60,9	11,2	21,0	4,5	5,0
Almenara	49,3	8,00	39,9	76,1	9,8	11,0	0,9	4,9

Fonte: IBGE, 2006; 2017.

No que se refere especificamente ao tipo de produção, vemos com clareza a grandeza da participação do setor agrícola na composição da renda regional, cuja produção vegetal teve importante retração no período de 2006 a 2017, a produção animal percebeu um acréscimo em todos os territórios, exceto de Diamantina e a produção da agroindústria também conheceu relativa expansão, com exceção do Baixo Jequitinhonha e Araçuai.

Todos dados incontestáveis com relação à força do rural nas comunidades do Vale do Jequitinhonha, todas historicamente convivendo com a seca do Semiárido e à margem dos projetos verticais de desenvolvimento regional (Mapa 2).

Mapa 2- Segurança hídrica no Semiárido Mineiro



Fonte: Núcleo de Estudos e Pesquisas Regionais e Agrários – NEPRA/Unimontes, 2022.

As fragilidades ambientais são um ingrediente importante na configuração do Vale, como parte que é de todo o conjunto do semiárido brasileiro e mineiro. Doravante, esse quadro fundou a formação do estigma de "Vale da Seca", conduzindo os sucessivos governos a implementarem programas de desenvolvimento rural baseados no consumo intensivo de recursos naturais: florestas de eucalipto, barragens, incentivos à mineração e crédito rural, que ao longo do tempo acentuaram as desigualdades, como alternativa viável à região.

De fato, tal realidade é o principal elemento do debate sobre desenvolvimento, sendo esses o conteúdo central da dimensão dos conflitos, sem desmerecer a questão fundiária que impôs a ocupação das melhores áreas (chapadas) pelo cultivo de eucalipto, braço do setor de mineração.

Tal adversidade fortaleceu, assim, paradoxalmente, a organização das comunidades rurais camponesas que criaram sindicatos, conselhos e movimentos, fortaleceram órgãos de assessoria que valorizavam o conhecimento local, a luta pela

terra e os programas de desenvolvimento rural (Galizoni *et al.*, 2013; Fundação João Pinheiro, 2018, grifos nossos).

Nesse contexto, cabe destacar que,

As propostas de industrialização e de “desenvolvimento” na América Latina, em todo caso, em países como o Brasil, utilizaram como fonte de energia predominante, até meados do século XX, a madeira oriunda das matas (Dean, 1996), bem como acentuaram e aprofundaram a utilização de minerais e centraram a sua busca de desenvolvimento sobre a “conquista de uma autonomia energética” e a abertura de “novas fronteiras” em busca da afirmação da “soberania”², que levaram à devastação de largas partes da natureza (incluindo as matas e os bichos que nela viviam) e dos territórios tradicionais (Zanotelli, 2024 p.2).

Ainda, um estudo de Galizoni *et al.*(2013) mostra que esses agricultores não incorporaram as técnicas da revolução verde em sua produção. O que eles fazem é tradicionalmente cultivar 'suprimentos' - alimentos da colheita do ano - coletando, processando e comercializando os produtos a curto prazo, em trocas comunitárias e mercados de rua urbanos.

As comunidades rurais camponesas desenvolveram regras consuetudinárias de uso e gestão à medida que os recursos naturais diminuíam e as populações cresciam. Costumam valorizar a "pequena água" das nascentes, introduzir a distribuição em épocas de escassez e retribuir a concentração, o represamento e o alto consumo de água. Para tanto, classificam, hierarquizam, economizam e padronizam os recursos hídricos. Para que a fonte não acabe, trabalham com escalas de prioridades, dando preferência à água de nascente para beber, escolhendo animais para vender, abandonando temporariamente e de acordo com critérios pré-definidos as atividades que mais consomem água.

As estratégias de convivência com a seca requerem essa racionalização; não se limitam à captação e acumulação de água: são técnicas culturais de gestão, consumo e escassez de recursos que expressam arranjos costumeiros. Mais adiante vamos mostrar como estas estratégias são utilizadas na atualidade pelos moradores das comunidades de Macuco e Bem-Posta, em Minas Novas (MG).

Conforme Eliza Costa, Beta Menan., líderança e matriarca do Macuco, é possível se adaptar e adequar o plantio à aridez do solo. Beta escolheu, estrategicamente, um espaço ao lado do açude onde, segundo ela, o solo fica mais úmido. Ela nos mostrou a sua maneira de plantar a mandioca, “colocando o olho para cima, que é para crescer”. Antes de sair para a labuta diária, é preciso amolar a enxada e arrumar o embornal, que

carrega, a garrafa de água potável, além dos seus sonhos: “escola e faculdade” para que filhos e netos não precisem mais ir embora em busca de trabalho. Beta ajeita o lenço na cabeça e segue para sua rotina de plantio do milho, feijão, hortaliças e ervas “plantando conforme a época”, conforme registrado na Fotografia 1.

Fotografia 1 - Beta mostra a rotina na roça.



Fonte: Os autores – **Créditos:** Marlon Fernandes

Na comunidade de Bem-Posta, os filhos da família Macedo seguem preservando as técnicas de plantio alinhadas com a convivência com a seca, conforme os ensinamentos tradicionais. Os meninos estudam na Escola Família Agrícola, no município próximo de Veredinha e conseguem conciliar a técnica com a forma tradicional de manejo do solo. O filho mais novo, Elminton de 16 anos se orgulha ao mostrar a horta que cultiva sozinho unindo as duas técnicas. Na Fotografia 2 Elminton mostra sua técnica de plantio adequada a aridez da região.

Fotografia 2 - Elminton e a técnica de plantio



Fonte: os autores. **Créditos:** Sammer Lemos

Neste sentido, percebemos que a seca no Vale do Jequitinhonha não é apenas um fenômeno climático, mas uma condição complexa moldada por fatores socioeconômicos, políticos e culturais. A resposta tradicional de "combater a seca" mediante obras e políticas centralizadas, muitas vezes, revelou-se ineficaz e até mesmo prejudicial, fortalecendo estruturas de poder consolidadas, negligenciando as particularidades da região.

A transição para uma abordagem de "convivência com a seca" emerge como uma alternativa mais promissora, reconhecendo e valorizando o conhecimento local, as práticas culturais e as estratégias adaptativas das comunidades frente à escassez hídrica. Este paradigma mais descentralizado busca não apenas garantir o abastecimento de água, mas também promover o desenvolvimento sustentável e a autonomia das populações locais.

A relação entre a comunicação e o espaço configura-se na disseminação de conhecimento, a troca de experiências entre comunidades e a articulação de ações descentralizadas tornam-se essenciais para enfrentar os desafios impostos pelo clima semiárido.

A interação entre diferentes atores sociais, organizações e o uso de tecnologias de comunicação desempenham um papel crucial na construção de redes resilientes e na promoção de práticas sustentáveis. Dessa forma, a análise da intersecção entre comunicação e espaço revela-se como um caminho profícuo para compreendermos como as comunidades do Vale do Jequitinhonha se organizam, compartilham conhecimentos e enfrentam as adversidades climáticas, contribuindo para um desenvolvimento mais equitativo e sustentável na região.

Chegamos ao fato de que o Vale do Jequitinhonha está localizado numa região intrinsecamente afetada pela variabilidade climática e pela ocorrência recorrente de secas. O nascimento da expressão "Vale da Seca" ou até mesmo "Viúvas de Marido Vivo" emergiu como resultado dessa realidade. E vamos desdobra-las na sequência.

Doravante, enquanto esforço metodológico nos propusemos a entender essa dinâmica à luz de Santos (1996), cujas articulações entre objetos e ações, mediadas pela informação-comunicação impõem uma lógica àqueles lugares de modo a perpetuar uma estrutura submissa, passível de continuar sendo explorada pelo poder hegemônico que ganha atualmente novas facetas (Vale do Lito) mas que mantém intactas as mesmas intencionalidades de um passado remoto. Nesse sentido,

Vivemos, hoje, cercados de objetos técnicos, cuja produção tem como base intelectual a pesquisa e não a descoberta ocasional, a ciência e não a experiência. Antes da produção material, há a produção científica. Na verdade, tratam-se de objetos científico-técnicos e, igualmente, informacionais. O objeto é científico graças à natureza de sua concepção, é técnico por sua estrutura interna, é científico-técnico porque sua produção e funcionamento não separam técnica e ciência. E é, também, informacional porque, de um lado, é chamado a produzir um trabalho preciso - que é uma informação - e, de outro lado, funciona a partir de informações. Na era cibernetica que é a nossa, um objeto pode transmitir informação a outro objeto. Os automáticos asseguram uma cadeia causal eficaz, mediante um sistema de objetos que transmitem informação uns aos outros, ainda que o homem não esteja ausente, ao menos no início do processo. Aliás, os objetos são eles próprios informação: e não apenas movidos pela informação. (...) Os objetos já não trabalham sem o comando da informação, mas, além disso, passam a ser, sobretudo, informação. Uma informação especializada, específica e duplamente exigida: informação para os objetos, informação nos objetos. Todos esses objetos modernos aparecem com uma enorme carga de informação, indispensável a que participem das formas de trabalho hegemônico, ao serviço do capital hegemônico, isto é, do trabalho mais produtivo economicamente (Santos, 1996 p. 143).

Não obstante, estamos falando de externalidades que têm monopolizado os territórios do município de Minas Novas, para atender às suas demandas orientadas pelo modo de produção capitalista em seus diferentes estágios, comercial, pré-industrial, industrial, financeiro. O estabelecimento de um estigma, nesse caso, introduziu àqueles lugares uma espécie de “carimbo” cujo movimento depende dessa engrenagem “de fora” como anunciadora dos arautos do desenvolvimento.

Um dos mais atuais movimentos nesse sentido é a contestada exploração do litio, tão defendida pelos grupos políticos locais e regionais e amplamente propagado pela imprensa de massa³, como pode ser percebido essa repercussão na Imagem 1. Mais recentemente com o lançamento de ações em Nasdaq pelo chefe do executivo estadual, num claro e evidente posicionamento acerca do modelo de desenvolvimento priorizado na região.

Como argumento sobre os benefícios projetados o referido relatório considera,

O Projeto Grota do Cirilo – Pegmatito Xuxa Cava Sul contribuirá (direta e indiretamente) para a criação de novas oportunidades de desenvolvimento, gerando emprego e renda para a região onde o empreendimento se fará presente. Configura-se, portanto, como uma iniciativa privada de elevado potencial de promoção do desenvolvimento numa das regiões mais carentes do Brasil. O projeto tem aderência com vários Planos, Programas e Projetos do governo federal e estadual, desde os idos dos anos 70, voltados ao desenvolvimento socioeconômico [...] (Vetor Ambiental e Urbanística, 2020, p. 19).

³A Sigma Mineração, subsidiária brasileira da canadense Sigma Lithium Resources, busca se tornar uma das maiores produtoras de concentrado de lítio no Brasil e no mundo. Seu projeto se ancora no discurso da sustentabilidade e “parcerias” com comunidades do Vale do Jequitinhonha (Relatório de Impacto Ambiental contratado à Vetor Ambiental e Urbanística, em Belo Horizonte – MG, abril de 2020).

Imagen 1 - Repercussão do projeto de exploração do Lítio pela imprensa estadual



Mais uma vez uma evidência dos mesmos argumentos utilizados historicamente para acabar com os problemas do “vale da seca”, do “vale da miséria”. Concomitante, as ações que são essencialmente horizontalizadas, combinam-se às externalidades e, muitas das vezes se impõe às (novas) determinações, a saber:

Na era em que vivemos, as ações também não poderiam escapar dessa marca: assim como os objetos, elas também se baseiam na ciência e na técnica. (...) É a informação que permite a ação coordenada, no tempo e no espaço, indicando o momento e o lugar de cada gesto e sugerindo as séries temporais e os arranjos territoriais mais favoráveis a um rendimento máximo da tarefa projetada. A ação codificada é presidida por uma razão formalizada, ação não isolada e que arrasta, ação que se dá em sistema, e tem um papel fundamental na organização da vida coletiva e na condução da vida individual (Santos, 1996 p.148).

Assim, importante destacar que ciência e técnica são ingredientes que compõe qualquer dinâmica espacial e, em especial a do Vale do Jequitinhonha, ainda que de forma velada uma vez que pode-se considerar embrionária a atuação da academia com direito à fala dessas comunidades.

Objetos e ações trazem consigo as intencionalidades, verticalizadas e horizontalizadas que, num embate entre forças dialéticas compõem o movimento peculiar desse lugar. Os objetos novos se impõem sob carapaças modernizantes, uma vez que,

Em nenhuma outra fase da história do mundo, os objetos foram criados, como hoje, para exercer uma precisa função predeterminada, um objetivo claramente estabelecido de antemão, mediante uma intencionalidade científica e tecnicamente produzida, que é o fundamento de sua eficácia. Da mesma forma, cada objeto é também localizado de forma adequada a que produza os resultados que dele se esperam (Santos, 1996 p.143).

O Vale, tal como ele é não se impõe como espaço, se submete como refúgio das externalidades que estabelecem o ritmo, mas cabe destacar, a melodia e a harmonia são de outra esfera – a das horizontalidades.

Ainda,

Hoje, no lugar onde estamos os objetos não mais obedecem a nós, mas sugerem o papel a desempenhar, porque são instalados obedecendo a uma lógica que nos é estranha, uma nova fonte de alienação. Sua funcionalidade é extrema, mas seus fins últimos nos escapam. Essa intencionalidade é mercantil, mas não raro é, também, simbólica. Aliás, para ser mercantil, frequentemente necessita ser simbólica antes. Quando nos dizem que as hidrelétricas vêm trazer, para um país ou para uma região, a esperança de salvação da economia, da integração no mundo, a segurança do progresso, tudo isso são símbolos que nos permitem aceitar a racionalidade do objeto que, na realidade, ao contrário, pode exatamente vir destroçar a nossa relação com a natureza e impor relações desiguais (Santos, 1996, p.144).

Ou seja, como hoje nos referimos a um processo histórico recente cuja formação do país está ancorada. O Vale, por sua vez, se descola enquanto espaço *sui generis* já que transpõe o arqueduto das intencionalidades e chega ao século XXI ainda como *locus* do desenvolvimento vertical, pelos caminhos das minas do ouro, do ferro e agora, com a força (pós) modernizante do Lítio.

Uma vez que,

Graças à interdependência entre ciência, técnica e produção em nossos dias, o objeto técnico é cada vez mais eficaz. (...) construir um objeto técnico é preparar uma disponibilidade. A sua produção não implica utilização imediata. Ele pode ficar em repouso dias, semanas, meses ou anos, até que a energia social venha incluí-lo no movimento da vida (Santos, 1996 p.144).

E é disso que nos referimos, de um estigma, transformado em demanda política a ser explorada e, concomitantemente, ação para atender aos interesses hegemônicos historicamente estabelecidos naqueles lugares.

A estratégica utilizada para atender a essa demanda foi a comunicação orientada pela teoria hipodérmica, qual seja, os principais elementos que caracterizam o contexto da teoria hipodérmica são, por um lado, a novidade do próprio fenômeno das comunicações de massa e, por outro, a ligação desse fenômeno às trágicas experiências totalitárias do período entre guerras (Wolf, 1999, p. 22).

De modo que, o modelo desenvolvimentista que tem orientado os sucessivos governos brasileiros se apoiou (e se apoia) nessas estratégias comunicacionais para convencer as massas sobre a efetividade do método de política-econômica implantado.

Não obstante, acerca dessa perspectiva de comunicação intencional no Vale do Jequitinhonha durante o período da grande seca dos anos de 1970, pode-se inferir que,

Os meios de persuasão de massa constituíam, de facto, um fenómeno completamente novo, desconhecido, sobre o qual o público ainda não tinha conhecimentos suficientes, e o contexto social em que tais meios apareciam e eram utilizados era o dos regimes totalitários ou de sociedades que se estavam a organizar em torno da destruição das formas comunitárias anteriores. Nesse contexto, grandes massas de indivíduos eram representadas, segundo hábitos de pensamento heterogéneos mas concordantes neste ponto, como atomizadas, alienadas, «primitivas» (Wolf, 1999 p.23).

A imprensa desempenhou um papel crucial na divulgação e perpetuação dessas expressões, lançando luz sobre a situação precária enfrentada pelas populações do Vale do Jequitinhonha. Trechos de jornais e revistas da época são testemunhos eloquentes desse fenômeno.

Nesse sentido,

Isto poderia servir de mote para pensarmos os discursos de “industrialização” a qualquer preço, sem concessão e redistribuição social, uma fuga para a frente submetida a uma injunção que vem de fora, como forma de “ilustração” para manter sob rédeas curtas o proletariado e justificar o “crescimento para depois repartir o bolo”, como durante o “milagre econômico” no curto período de crescimento econômico exponencial na ditadura militar brasileira começada em 1964 (Zanotelli, 2024, p. 03).

São de verticalidades hegemônicas, impositivas e perversas que estamos nos referindo, portanto.

Para ilustrar, em uma edição de 1982 do jornal "O Estado de S. Paulo", um artigo discutia os impactos das secas recorrentes na região do Vale do Jequitinhonha, mencionando: "O Vale do Jequitinhonha, muitas vezes referido como 'viúva da seca', luta para sobreviver mais uma vez à estiagem que assola a região, deixando um rastro de miséria e desespero" (O Vale [...], 1982)⁴.

Da mesma forma, a revista "Veja" publicou um artigo em 1975 que abordava a realidade no Vale do Jequitinhonha, intitulado "O Vale da Miséria: a saga das famílias que enfrentam a seca" (O vale [...], 1975)⁴. Nesse artigo, eram detalhados os desafios enfrentados pelas comunidades locais, onde a falta de chuvas resultava em colheitas minguadas, fome e migração sazonal.

Para refletir que este codinome vem de uma escala nacional, podemos citar o programa ‘Fantástico da Rede Globo’ que em 1983, trouxe uma matéria intitulada ‘As

⁴ As fontes primárias utilizadas — O Estado de S. Paulo (1982) e Veja (1975) — não possuem paginação indicada nos exemplares localizados. A citação foi mantida por seu valor documental e relevância para a análise proposta.

Viúvas da Seca' (Imagen 2), quando o repórter João Batista Olivi mostrava a situação das mulheres do interior do Ceará, área do semiárido de abrangência da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), assim como Minas Novas, que segundo o vídeo foram 'abandonadas pelos maridos, sem trabalho e sem comida para manter os filhos', realidade semelhante a do Vale do Jequitinhonha mineiro.

Imagen 2 - Print da reportagem exibida no Fantástico em 1983.



Fonte: Globoplay, 1983.

Ainda hoje, mesmo diante de todos os fatos científicos que justificam este erro histórico de estigmatizar as mulheres como 'coitadinhas' ainda se sustenta, conforme matéria do Jornal Estado de Minas de 3 de julho de 2023 (Imagen 3), que mesmo diante do fato de que as artesãs do Vale sustentam toda a família como empreendedoras, ainda são denominadas de viúvas de marido vivo.

Imagen 3 - Imprensa ainda rotula as mulheres do Vale do Jequitinhonha

The screenshot shows a news article from the Jornal Estado de Minas. The title of the article is 'ESTADO DE MINAS Gerais'. The text discusses women in the Vale do Jequitinhonha who are still labeled as 'widows of a living husband' despite being self-sufficient entrepreneurs. The article includes several paragraphs of text and a small image of a woman.

Fonte: Ribeiro, 2023b.

A intenção dessas reportagens de contribuir para sensibilizar o público em relação às dificuldades vivenciadas pelas populações do Vale do Jequitinhonha, acabaram por estigmatizar a região, fomentando debates sobre políticas de desenvolvimento, gestão de

recursos hídricos e medidas de enfrentamento das secas, mas não estimularam a as ações e estratégias de convivência com o clima. No caso das artesãs, atualmente, ela tem se posicionado como líderes de família, assumindo as despesas e até mesmo trazendo maridos de volta do trabalho sazonal para contribuir no trabalho com o artesano.

Talvez a intenção inicial por trás das reportagens que abordavam [e abordam] as dificuldades enfrentadas pelas populações do Vale do Jequitinhonha era sensibilizar o público em relação às condições adversas e às consequências das secas recorrentes. No entanto, é fundamental reconhecer que o resultado dessas abordagens midiáticas foi (e ainda é) mais complexo do que se poderia imaginar. Enquanto a intenção era promover conscientização e buscar soluções para os problemas enfrentados pela região, as expressões "viúva da seca" e "vale da miséria" inadvertidamente estigmatizaram a região e contribuíram para uma visão negativa e reducionista de suas comunidades.

O fato é que grandes projetos foram implementados sob o invólucro de “combater a seca” e “desenvolver” o Vale do Jequitinhonha. A criação da Comissão de Desenvolvimento do Vale do Jequitinhonha (CODEVALE)⁵ em 1964 por meio de uma Emenda Constitucional e a atuação da SUDENE pode ser citado como exemplo dessas ações cuja intenção era combater a seca. Intencionalidade essa que deu origem ao “Vale do Jequitinhonha”.

O espaço-testemunho

Não são poucas as experiências conflituosas envolvendo a mineração no Brasil. Não nos cabe aqui resgatá-las em seus detalhes, apenas a título de registro, mencioná-las (Quadro 1).

Cabe destacar que, em se tratando de impacto, o Rio Jequitinhonha – que dá nome à Região “inventada” do Vale do Jequitinhonha e que hoje tem vida própria, é a grande vítima desse novo movimento vertical, uma vez que a empresa mineradora dispõe de

⁵ O relatório aponta a falta de dados sobre os recursos naturais como entrave à agricultura no Vale, sugerindo estudos pedológicos e alternativas à rotação de terras e queimadas. Propõe difundir técnicas agrícolas, ampliar a extensão rural e o crédito para superar o autoconsumo e integrar a região ao mercado. (CODEVALE, II, s.d, p.77-81 apud Leite, 2015).

outorga para utilização de 45 mil litros de água do rio a cada hora. Isso se considerarmos a vulnerabilidade hídrica da região, beira a perversão.

Quadro 1 - Últimos eventos envolvendo a mineração no Brasil, 2001 – 2019

Data	Evento/localidade	Impacto direto
Junho/2001	Barragem de rejeitos de minério em São Sebastião das Águas Claras, Nova Lima (MG)	5 mortes
Novembro/2015	Barragem de rejeitos Fundão, no distrito de Bento Rodrigues, em Mariana (MG)	19 mortes
Janeiro/2019	Barragem de rejeitos da Mina Córrego do Feijão, em Brumadinho (MG)	70 mortes, 10 pessoas desaparecidas.

Fonte: os autores, 2024.

A seguir um *spoiller* do que a imposição predatória pode representar para o espaço geográfico, como desdobramento dos conflitos de interesse entre os grupos sociais relevantes. A Imagem 4 representa de maneira simples a combinação espacial entre a exploração mineral (minério de ferro) e a urbanização da Grande Belo Horizonte. Um embate espacial extremamente sensível que envolve dois sujeitos relevantes, o capital hegemônico e as famílias habitantes, que fazem do Jardim Canadá um dos bairros mais desiguais do país.

Imagen 4 - Mina Capão Xavier – Minerações Brasileiras Reunidas/Vale – Sul de Belo Horizonte – Conflito: Água



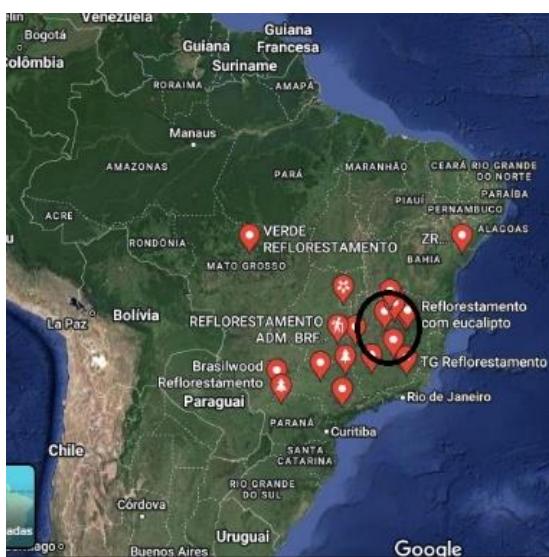
Fonte: Google Maps. Acesso em: 25 mar. 2024.

Como se não bastasse o impacto causado pelo movimento na mina de Capão Xavier, revigora-se o movimento de exploração das jazidas da Serra do Rola Moça (já instituído Parque Estadual), em específico a Serra do Curral.

Não obstante, os espaços do Vale do Jequitinhonha estão sendo preparados para esse novo “arauto” do lítio. Suas chapadas já acomodam impactante produção de energia para o setor siderúrgico estadual, impondo a lógica do desenvolvimento industrial cujas áreas periféricas atendem às demandas primárias.

Numa rápida pesquisa em mecanismo de busca popular (Imagem 5) percebemos a concentração espacial do reflorestamento para fins de produção de energia.

Imagen 5 - Concentração espacial das empresas de reflorestamento no país



Fonte: Google Maps. Acesso em: 25 mar. 2024

Percebe-se toda a arrumação espacial feita para atender as demandas do setor siderúrgico da Região do Vale do Aço, mas também, para antecipar os movimentos mais atuais cujo modelo já é certo e sabido. A vulnerabilidade hídrica do Vale é desconsiderada pelo modelo de expansão do eucalipto pelas chapadas, locais de reabastecimento dos mananciais.

A racionalidade imposta aos espaços pelo cultivo do eucalipto enclausura as pequenas propriedades campesinas, que resistem através da ocupação das grotas secas, protegidas pelas áreas de compensação. Numa clara arrumação espacial que distingue as diferentes intencionalidades de ocupação no Vale do Jequitinhonha mineiro.

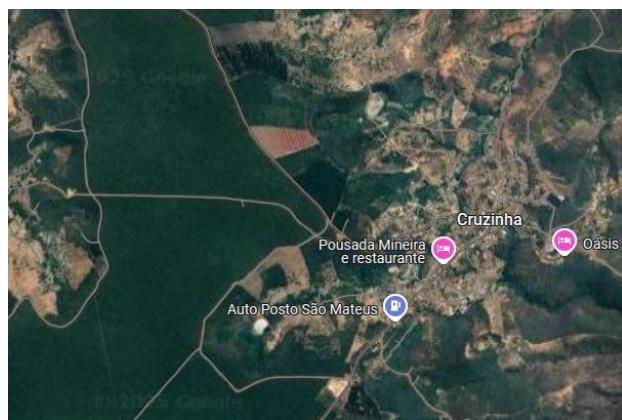
As linhas e os desenhos retilíneos se combinam e se contrastam com as pequenas propriedades campesinas que correspondem às múltiplas determinações através da liberação das terras mais produtivas e do fornecimento de mão-de-obra assalariada, demonstrando a dimensão desigual e combinada daqueles lugares (Imagens 6 e 7).

Imagen 6 - Combinações espaciais no Vale do Jequitinhonha mineiro – Cultivo do Eucalipto e Pequena propriedade camponesa



Fonte: Google Maps. Acesso em: 25 mar. 2024.

Imagen 7 - O Desigual e Combinado no Vale do Jequitinhonha mineiro – uma proposição



Fonte: Google Maps. Acesso em: 25 mar. 2024.

O artesanato das mulheres de barro, pelas mãos das “viúvas de maridos vivos” simboliza a vida própria do Vale do Jequitinhonha mineiro. A histórica ausência dos maridos que desde a grande seca passaram a vender sua mão-de-obra para as usinas de cana-de-açúcar, principalmente do interior de São Paulo, o que para essa leitura é interpretada como verticalidade, ou mais incisivamente como monopolização do território (Oliveira, 1992).

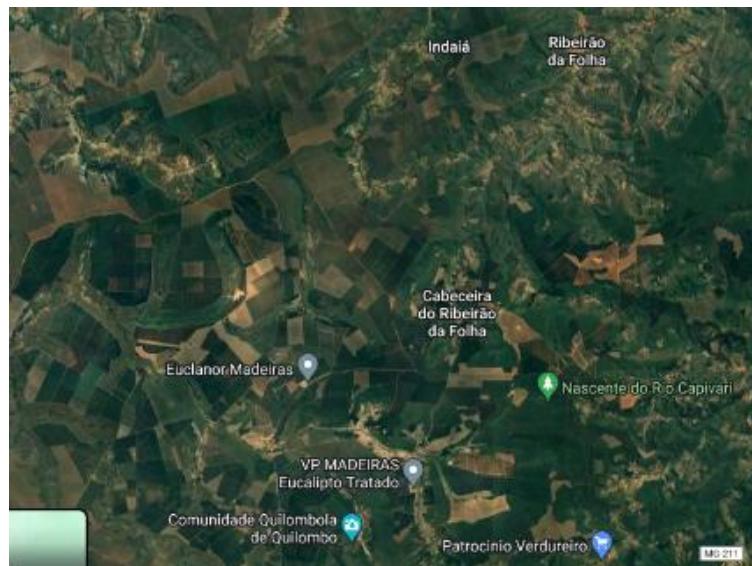
O enclausuramento é claro, violento e fóbico, exprimindo o “desigual e combinado” que, no caso do Vale do Jequitinhonha mineiro tem um jogo de força extremamente injusto. Nesse sentido e sobre a referida teoria do “Desigual e Combinado”, cabe salientar que,

[...] pode-se facilmente alargar o alcance desta formulação e utilizá-la para compreender o tipo de dominação que o capital exerce nas formações sociais onde subsistem relações pré-capitalistas: ele é a “luz universal” que modifica todas as outras “cores” econômicas e sociais. A teoria do desenvolvimento desigual [...] é uma tentativa de explicar estas “modificações” e, por consequência, de dar conta da lógica das contradições econômicas e sociais dos países do capitalismo periférico [...] (Löwy, 1995, p. 73).

Não se trata aqui de reduzir o debate à uma análise da paisagem mas, sobretudo, ilustrar como o movimento perverso do capital impõe também uma espaciologia clara, combinando o desigual e, no caso do Vale do Jequitinhonha mineiro perpetuando uma lógica histórica ancorada na vulnerabilidade hídrica e no papel do Estado como condutor de um desenvolvimento contestável.

Trata-se portanto de um processo de expansão e confinamento, que conduz às comunidades tradicionais a pequenas extensões de terra, submetendo-as a condições degradantes, cada vez mais dependentes de políticas sociais de um Estado que claramente corrobora com o referido modelo de desenvolvimento desigual (Imagen 8).

Imagen 8 - Multiplicidade de sujeitos e objetos na arena espaço-tempo

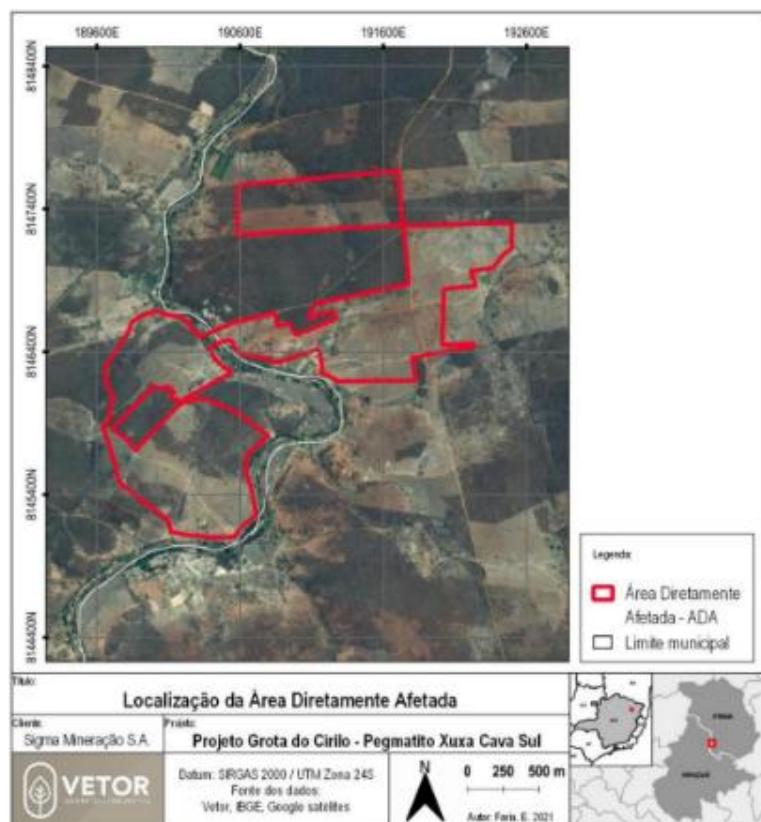


Fonte: Google Maps. Acesso em: 25 mar. 2024.

Nascentes, comércio, comunidades quilombolas, reflorestadoras, rios. Uma dinâmica que precisa ser desvelada à luz de variadas escalas e que aqui está ancorada na dimensão regional do “inventado” Vale do Jequitinhonha.

“Vale” esse que ainda se mantém subordinado às verticalidades que impõe uma ordem cujo Estado é legitimador e parece distante de revisar sua posição, haja visto os novos tempos da mineração do lítio (Mapa 3).

Mapa 3 - Área de exploração do Lítio – Araçuaí e Itinga – Vale do Jequitinhonha mineiro



Fonte: VETOR Ambiental e Urbanística, 2020.

Como dito, a exploração do lítio no médio Vale do Jequitinhonha surge (mais uma vez) como uma pedra fundamental do desenvolvimento da região. Anunciado como arauto do progresso e, mais uma vez, promessa de acabar com os problemas decorrentes da vulnerabilidade hídrica daqueles lugares.

Considerações finais

Durante décadas as comunidades rurais do Vale do Jequitinhonha convivem com a saída dos homens para o trabalho sazonal em outros estados brasileiros e passam a maior parte do ano se organizando em estratégias de sobrevivência. As mulheres, juntamente com os seus filhos, dividem a rotina no cuidado da casa, da lavoura e buscam o sustento da família sem perder a esperança e a alegria de viver.

Neste sentido, fazer parte desse movimento de pensar e agir (como e) ao lado dos sujeitos do Jequitinhonha mineiro também significou um esforço para contribuir com a transformação de um lugar historicamente estigmatizado.

É possível perceber, portanto, ritmos diferenciados de transformação desses espaços, dadas as dinâmicas as quais foram e estão submetidos. De uma transformação verticalizada pelos interesses do capital hegemônico e legitimada pelos sucessivos governos (mineração do ouro, do ferro, do lítio) e também horizontalizada a partir do diálogo entre os “de baixo” que compõem o quadro das relações imediatas que garantem a reprodução social dos indivíduos.

Assim, pesquisar-participar dessas vivências permite uma aproximação com a geografia do lugar, das suas particularidades de semiárido e dos reflexos que essa geografia conduziu e conduz nas relações entre esses grupos sociais e sua natureza, a partir das múltiplas determinações emanadas de outras escalas.

A seca como fato é indiscutível, mas discutível é a forma como historicamente tem se pensado nesse importante aspecto do Vale do Jequitinhonha, qual seja, de “combate” por “atores” que são estranhos ao lugar.

Dar luz ao uso respeitoso da terra para a produção do alimento, à arte do barro, do algodão e da palha, às técnicas centenárias de produção de quitanda, às manifestações de fé e devoção, significa um desvelamento do “Vale”, uma descoberta geográfica, sistematizada pelo método científico e, portanto, passível de ser questionada e debatida. Mas, o principal fato desse processo é poder contribuir para comunicar outros “vales”, vislumbrando outras possibilidades de desenvolvimento para além das verticalidades.

Nesse contexto de desafios e descobertas, a ação coordenada das comunidades rurais ancorada nas suas estratégias resilientes, revela uma dinâmica intrincada entre informação, espaço e ação, ecoando a teoria de Milton Santos.

Cabe destacar ainda que, a mulher emerge como protagonista na tessitura desse cotidiano, desdobrando-se na gestão doméstica, na lavoura e na preservação da identidade e da cultural local, portanto, na garantia da reprodução social das famílias da região.

A informação, nesse contexto, não é apenas um veículo de dados, mas um elo vital na comunicação horizontal entre as comunidades, que, ao compartilharem experiências e saberes, delineiam arranjos territoriais e séries temporais que promovem a resiliência e resistência coletivas diante das adversidades.

Ao transcender a visão convencional de combate à seca, esta pesquisa propõe um olhar centrado nas narrativas e práticas das comunidades que desempenham papéis fundamentais na organização social e na perpetuação de tradições. A ação coordenada apoiada na informação contextualizada e na comunicação horizontal revela-se como uma resposta eficaz aos desafios impostos pela geografia.

Doravante, a superestrutura do modo de produção capitalista encontra nesses processos um contraponto às suas determinações, algo além da resiliência e resistência, mas, sobretudo, de outra possibilidade de desenvolvimento social e econômico, a partir da legitimação das relações genuínas locais, garantida pelo movimento de comunicação no espaço geográfico. Traduzindo assim a dinâmica do espaço agrário do Vale do Jequitinhonha mineiro como uma região de combinações e conflitos.

Referências

ANA - Agência Nacional de Águas. **Índice de Segurança Hídrica – ISH.** Catálogo de Metadados da ANA. 2020.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. Plano de desenvolvimento do vale do Jequitinhonha. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2018.

GALIZONI, F. M *et al.* Estratégias familiares de convívio com o Semiárido. In: GALIZONI, F. M. (org). **Lavradores, águas e lavouras.** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2013.

GLOBOPLAY. As viúvas da seca. Disponível em: <https://globoplay.globo.com> Acesso em: 25 mar. 2024.

GOOGLE MAPS. Mina Capão Xavier – Minerações Brasileiras Reunidas/Vale – Sul de BH – Conflito: Água. 2024. Disponível em: <https://maps.app.goo.gl/CHeyL3HUEi4V3oow8>. Acesso em: 25 mar. 2024.

GOOGLE MAPS. Concentração espacial das empresas de reflorestamento no país.
2024. Disponível em:
<https://www.google.com/maps/search/empresas+de+reflorestamento+no+brasil/> Acesso em: 25 mar. 2024.

GOOGLE MAPS. Combinações espaciais no Vale do Jequitinhonha mineiro –
Cultivo do Eucalipto e Pequena propriedade camponesa. Disponível em:
<https://maps.app.goo.gl/HmKGqxDaUE8rWBAJ9> Acesso em: 25 mar. 2024.

GOOGLE MAPS. O Desigual e Combinado no Vale do Jequitinhonha mineiro –
uma proposição. Disponível em: <https://maps.app.goo.gl/MAnt9UUxWQC7jKYF7>
Acesso em: 25 mar. 2024.

GOOGLE MAPS. Multiplicidade de sujeitos e objetos na arena espaço-tempo.
Disponível em: <https://maps.app.goo.gl/81eBL4nfPSVhzevf6> Acesso em: 25 mar. 2024.

GRAZIANO, E.; GRAZIANO NETO, F. As condições da reprodução camponesa no Vale do Jequitinhonha. **Perspectivas: Revista de Ciências Sociais**, v. 6, p. 85-100, 1983.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Agropecuário, 2006:**
Brasil, Grandes Regiões e Unidades da Federação – Segunda Apuração. Rio de Janeiro: IBGE, 774p, 2012.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Agropecuário, 2017:**
Resultados Definitivos. Rio de Janeiro: IBGE, v. 8, p.1-105, 2019

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2022.** Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

JESUS, G. A. de. **Agricultura camponesa/familiar e ação do Estado (PRONAF) no Vale do Jequitinhonha:** o caso de Minas Novas. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

LEITE, A. C. G. **O campesinato no vale do Jequitinhonha:** da sua formação no processo de imposição do trabalho à crise da (sua) reprodução capitalista. 2015. 762 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

LOWY, M. A teoria do desenvolvimento desigual e combinado. **Revista Actuel Marx**, 18, 1995. Tradução de Henrique Carneiro.

NOVACK, G. **A lei do desenvolvimento desigual e combinado da sociedade.** São Paulo: Rabisco, 1988.

O VALE da miséria: a saga das famílias que enfrentam a seca. **Revista Veja**, São Paulo, n. 379, 1975 (página não identificada).

O VALE do Jequitinhonha, muitas vezes referido como “viúva da seca”, luta para sobreviver mais uma vez à estiagem que assola a região, deixando um rastro de miséria e desespero. **O Estado de S. Paulo.** São Paulo, 15 set. 1982 (página não identificada).

OLIVEIRA, A. U. de. **Agricultura Brasileira:** desenvolvimento e contradições. São Paulo: FFLCH/USP, 1992 (mimeo).

RIBEIRO, E. M. **Sete estudos sobre a agricultura familiar do Vale do Jequitinhonha.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2013.

RIBEIRO, L. Corrida do lítio promete fazer do Jequitinhonha o "vale da prosperidade". **Estado de Minas**, 2023a. Disponível em:
<https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2023/06/04/corrida-do-litio-promete-fazer-do-jequitinhonha-o-vale-da-prosperidade.shtml> Acesso em: 15 mar. 2024.

RIBEIRO, L. Superação com conexão entre BH e o Vale do Jequitinhonha: Artesã conta como venceu as dificuldades e conquistou uma vida melhor com a venda de sua arte; empresária de BH estimula o empoderamento das mulheres do Vale. **Estado de Minas**, 2023b. Disponível em:
https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2023/06/03/interna_gerais.1502531/superacao-com-conexao-entre-bh-e-o-vale-do-jequitinhonha.shtml Acesso em: 15 mar. 2024

SANTOS, M. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. **Boletim Paulista De Geografia**, n. 54, p. 81-100, 2017 [1977]. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/boletim-paulista/article/view/1092/949> Acesso em: 20 mar. 2024

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço:** Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo, Hucitec, 1996.

VETOR – Ambiental e Urbanística. **RIMA:** Grota do Cirilo, 2020. Disponível em: <https://sigmalithiumresources.com/wp-content/uploads/2023/05/RIMA-Grota-do-Cirilo-I-Agosto-2020.pdf> Acesso em: 25 mar. 2024.

WOLF, M. **Teorias da Comunicação.** 5. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1999.

ZANOTELLI, C. L. O mito persistente do crescimento econômico e a degradação do meio na América Latina. **Geo UERJ**, (44), 2024.
<https://doi.org/10.12957/geouerj.2024.78521>.

Recebido em 21/03/2025.

Aceito para publicação em 16/06/2025.